



Professor, para o ano o meu pai...

Eduardo Prado Coelho o fio do horizonte

Voltemos às questões de ensino em Portugal. O secretário de Estado Jorge Pedreira pensa que os fenómenos de violência, como aqueles que viu na televisão, são fenómenos circunscritos a determinadas escolas.

Será possível dizer-lhe que está inteiramente fora da realidade e que fenómenos daquele tipo são os da esmagadora maioria das escolas portuguesas? Fiz uma pequena sondagem: há inúmeras escolas onde todos os dias a polícia é chamada. É esse desconhecimento da realidade concreta que levou Jorge Pedreira a supor que numa das escolas em questão já estava tudo bem e a afirmar que estava surpreendido com o facto de não ser assim.

A campanha de desvalorização da imagem dos professores tem levado os pais a sentirem-se legitimados a ir à escola protestar contra todas as ofensas de que os seus filhos foram alvo (segundo o fantasioso relato de que as inocentes crianças fizeram em casa). É uma forma de pressão que apenas degrada o ambiente. Mas o simples facto de se ter anunciado, em termos ainda relativamente nebulosos, que os pais iriam avaliar os professores conduz os alunos a dizerem desde já: "Professor, para o ano o meu pai é que lhe vai dizer." Donde, o sentimento de impunidade que já existia tende a crescer. Ora é preciso restituir - já! - a autoridade às escolas e deixarmo-nos de demagogias da treta.

Não há transmissão de saber nem pedagogia que possa vingar nestas circunstâncias. Os professores estão verdadeiramente desmotivados e aterrorizados. Vão à secretaria perguntar: qual o dia, a hora e o minuto em que me vou poder reformar? Porque a escola se tornou num lugar onde odeiam ir. E mesmo aqueles que sentiam o ensino como uma missão sentem-no hoje como um pesadelo. A simples ideia de avaliar professores em função

das notas dos alunos é absurda (as notas dependem das escolas, da preparação dos alunos, do meio ambiente e não se pode comparar o que é incomparável) e perversa. Os resultados só podem ser um abaixamento da exigência nas escolas.

Donde, vem do desconhecimento total do que está em jogo o facto de tentar impor um certo número de medidas. Digamos mais: é arrepiante a forma deliberada com que se está a massacrar um sistema que era fundamental para a recuperação do país em termos económicos. Há aqui uma dose de irresponsabilidade que chega a ser criminosa. E isto nada tem a ver com o facto de os professores, postos nas suas tamanquinhas, não quererem ser avaliados (como, por exemplo, afirma, numa exibição de uma ignorância impressionante, Pedro Norton nas páginas da Visão).

Haverá ainda tempo para arrepiar caminho? Há. Mas é preciso repensar tudo de alto a baixo. Doutro modo, teremos, ai de nós, um Partido Socialista que desfez malha a malha o ensino em Portugal. E um futuro totalmente comprometido. São capazes de pensar nisto dois ou três minutos?

Professor Universitário